

# CAIXA PRETA

16 Contos  
de

CRISTIANE SOBRAL

São Paulo  
2023

**Capa:** Sandrinha Alberti

**Ilustração:** Sandrinha Alberti

**Projeto:** Celinha Reis/Dinha/Sandrinha Alberti

**Concepção Editorial:** Adriana Santos, Aline Oliveira, Celinha Reis, Dinha, Driely Gomes, Fabi Luz, Fefê Pegada Preta, Glaucia Dantas, Michelle dos Santos Lomba e Sandrinha Alberti

**Revisão:** Dinha

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Sobral, Cristiane

Caixa preta : 16 contos / Cristiane Sobral. --

1. ed. -- São Paulo : Ed. da Autora, 2023.

ISBN 978-65-999568-1-2

1. Contos brasileiros
2. Mulheres na literatura
3. Mulheres negras - Aspectos culturais I. Título.

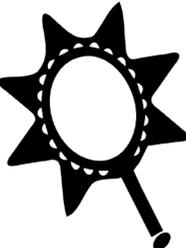
23-158289

CDD-B869.3

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Contos : Literatura brasileira B869.3  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

# CAIXA PRETA

16 Contos de  
**CRISTIANE  
S  BRAL** 



EDIÇÕES ME PARIÓ REVOLUÇÃO



# SUMÁRIO



Apresentação - Kiusam de Oliveira \_06

Prefácio - Dinha \_09

## CAPÍTULO I

17\_ **A LEI DO SANGUE**

19\_ **GIRA**

23\_ **BERRO**

27\_ **BANQUETE**



## CAPITULO II

**CHARME\_33**

**147\_37**

**VOCÊ TEM TODOS OS DENTES?\_39**

**MARIA CLARA\_45**



## CAPITULO III

**55\_ CRIANÇA NÃO TRABALHA**

**59\_ CELA 09**

**65\_ XADREZ DAS CORES**

**69\_ JOÃO**

## CAPITULO IV

**ESTAREI LÁ PARA MIM\_77**

**EM CADEIA\_83**

**É MELHOR CAIR EM SI\_89**

**DO PEITO\_101**

Sobre a autora\_104

Edições Me Parió\_107



## Apresentação

Que rufem os tambores, pois a realeza chegou e o nome dela é Cristiane Sobral.

Cheguei a ter dificuldades para redigir esse texto, mediante a magnitude de cada palavra nesse livro impressa. Em cada conto, uma catarse. Em cada conto, um gatilho. Em cada conto, um redescobrir.

O tempo todo me lembrei de como é impactante estar na presença de Cristiane Sobral, porque ela é do tipo que destrói todas as nossas certezas sem demonstrar a menor preocupação com isso: “se resolva”.

Uma outra imagem que me veio em mente foi a de uma flor em botão: quando eu era pequena, tentava abrir à força os botões de flores que apareciam em minha frente, pois eu as queria abertas, mas só o que eu conseguia fazer era destruí-las, esmigalhá-las aos pedacinhos. Entendi, através do ensaio e erro, que as grandes transformações devem ocorrer de dentro para fora, visceralmente.

Esse é o poder de Cris e seus contos: que aprendamos a partir das nossas vísceras, os lendo e relendo apesar das dores sentidas, lembradas, mastigadas, nauseadas, apesar de todo amargor, revolvendo nossas águas, quase sempre bloqueadas por nossa força de vontade em não encarar o que está em nossa cara enquanto pessoas negras: as tentativas sem fim de animalizarem o nosso ser.

É aí que a Caixa Preta se abre em histórias diversas que insistem em nos unir e revelar que há um sistema que insiste em operar de forma a nos bestializar enquanto eles, as reais bestas, surfam nas ondas suaves, que os fazem deslizar na superficialidade do antirracismo, quando pessoas públicas, só um exemplo bem conveniente.

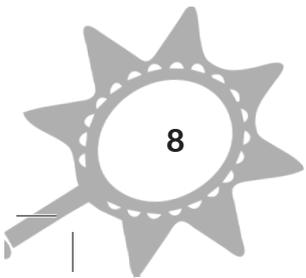
Chorei, e muito. No conto Berro, por exemplo, onde a mulher cansada e com dores na coluna pelos maus tratos impostos pelo racismo de cada dia, foi para o terreiro, sem saber, incorporou seu boiadeiro João das Matas que lhe deixou um recado: “Com a licença do dono da casa, avisa que eu estive aqui hoje para colocar a coluna dela no lugar, diga que as estruturas estão abaladas agora, mas que ela não esmoreça, vai achar o seu caminho”. Choro de novo ao escrever essas palavras por compreender e poder afirmar, mais uma vez, e agora com a autora desse livro, que nossa fortaleza na contemporaneidade está na capacidade de reconhecer nossa Ancestralidade Africana. Essa é a nossa única chance de desenhar lindamente hoje, o nosso futuro.

“Hoje vou dormir ao meu lado e ter uma noite feliz”, diz uma das personagens de Cris. Isso é o que eu mais quero e necessito, dormir pacificada comigo, com meus atos e gestos, sem me lembrar da minha professora no mestrado quando me pediu para mostrar meus dentes para ela e ao vê-los, afirmou “pelo menos você tem todos os dentes na boca”, como outra personagem da autora que ouve alguém perguntar para ela se tem todos os dentes na boca.

O quadro real e cruel imposto pelo racismo que a autora Cristiane Sobral nos apresenta, só nos mostra, mais uma vez a genialidade dessa mulher, filha, mãe, candomblecista, professora universitária, poeta e amiga, capacitada que é e está para estremecer as estruturas racistas de nosso país.

Caminhos abertos. Axé, ooo!

**Kiusam de Oliveira**  
**Outono/2023**



## Prefácio: Caixa Preta e o lirismo sarcástico de Cristiane Sobral

Da primeira vez que soube da existência dessa grande pessoa que é Cristiane Sobral, eu estava à procura de um texto que pudesse ser lido em sala de aula para uma das minhas turmas do oitavo ano. Era preciso que fosse um texto literário, portanto esteticamente relevante e sedutor – porque serviria de isca para fisgar meus alunos e alunas não apenas para o prazer da leitura, mas também para a alegria que é poder se reconhecer em uma grande autora negra, em suas histórias e personagens.

Era o ano de 2009 e as salas de leitura da prefeitura de São Paulo ofereciam quase nada no quesito literatura negra, então busquei a internet.

Não me lembro quais foram os meus termos de pesquisa, mas fui levada a dois textos que marcaram minha vida e minha carreira, como docente, escritora e editora, para sempre: era o poema “Não vou mais lavar os pratos” e o conto “O garoto de plástico”.

O primeiro, muito conhecido, pois dá título também ao seu livro de estreia, tocou demais a mulher que me habita, com sua brava recusa em lavar os pratos e os tapetes porque, afinal, já tinha “os olhos rasos d’água”. O poema também cutucou a minha antiga criança que era viciada em leitura e que fazia greve de fome para poder ler mais livros em paz.

O segundo texto mexeu mais profundamente com minha dor de ser professora, favelada, afro-indígena e nordestina, em um país que não tolera muito bem nenhum desses rótulos e onde pouca gente tem dimensão da nossa negritude. O garoto de plástico,

protagonista, como muitos dos meus alunos e alunas, escondia tão bem os traços negros do seu fenótipo (com raspagem dos cabelos e permanentes), que vivia em um não-lugar, sonhando com meias descartáveis em frente a espelhos sem nitidez.

Tanto o sujeito poético de “Não vou mais lavar os pratos”, quanto o personagem “garoto de plástico” viraram meus companheiros prediletos ao longo de inúmeras aulas, oficinas de literatura e debates sobre negritude e feminismos.

Então, anos depois, quando criamos a Me Parió Revolução, foi com alegria sem tamanho que recebemos o aceite da autora para publicar conosco a sua pesquisa de mestrado, inaugurando a Coleção Quadros Negros, uma série de livros teóricos relacionados à situação da população afrodescendente em nosso país. “Teatros Negros – Estéticas na cena teatral brasileira” é uma deliciosa narrativa da história do teatro produzido por pessoas negras no Brasil, entremeada com a vivência da própria autora – que é pesquisadora e atriz -, numa linguagem acessível e envolvente, como não costumam ser os trabalhos acadêmicos.

Em 2022 fomos contempladas pela Lei de Fomento à Cultura da Periferia e, pela primeira vez em nossos dez anos de história, temos verba pública para fazer nosso trabalho de ampliar o acesso aos livros e à literatura em nosso país. Nossa intenção inicial, como editora, era reimprimir o “Teatros negros”, pois este nunca chegou a ter uma tiragem em grande escala, devido à nossa falta de recursos como selo editorial de mulheres periféricas - que somos. No entanto, ao avaliar melhor a situação, e considerando que Cristiane Sobral, como nós, é uma autora com poucos recursos financeiros, mas extremamente produtiva,

decidimos apostar em um novo livro – pois o mundo, a arte, a humanidade quanto mais acesso à sua obra tiver, mais têm a ganhar. Com sua arte no mundo, o planeta se torna um espaço mais acolhedor.

E, no final, nós, mulheres das quebradas, sempre temos razão.

“Caixa preta”, esta obra que ora ofertamos a vocês é uma pequena reunião de contos. Seria como uma caixinha de joias, se algumas delas não explodissem na nossa cara, revelando segredos, engrenagens, complexidades a níveis absurdos, lirismo e sarcasmos.

Este é, portanto, um livro lírico-sarcástico porque suas personagens conhecem conjuntamente o amor, a desesperança, o crime perfeito doracismo, o soco bem dado em revide, a força da religiosidade, da ancestralidade, do maternar...

O ato de narrar aqui é diverso, pois vai da agilidade das histórias curtas, mas extremamente amplas em significação, como “A lei do sangue”, “Gira”, “Berro” e “147”, à linearidade precária das histórias de desamor vivenciadas via mensagens de celular, como em “É melhor cair em si”.

Este é um livro para ser lido e relido, porque a cada vez se rompe um novo ponto, se constroem novas pontes e novos signos são percebidos.

É também um livro doloroso, porque traz as histórias das nossas gentes, e elas são bonitas, mas quase nunca alegres.

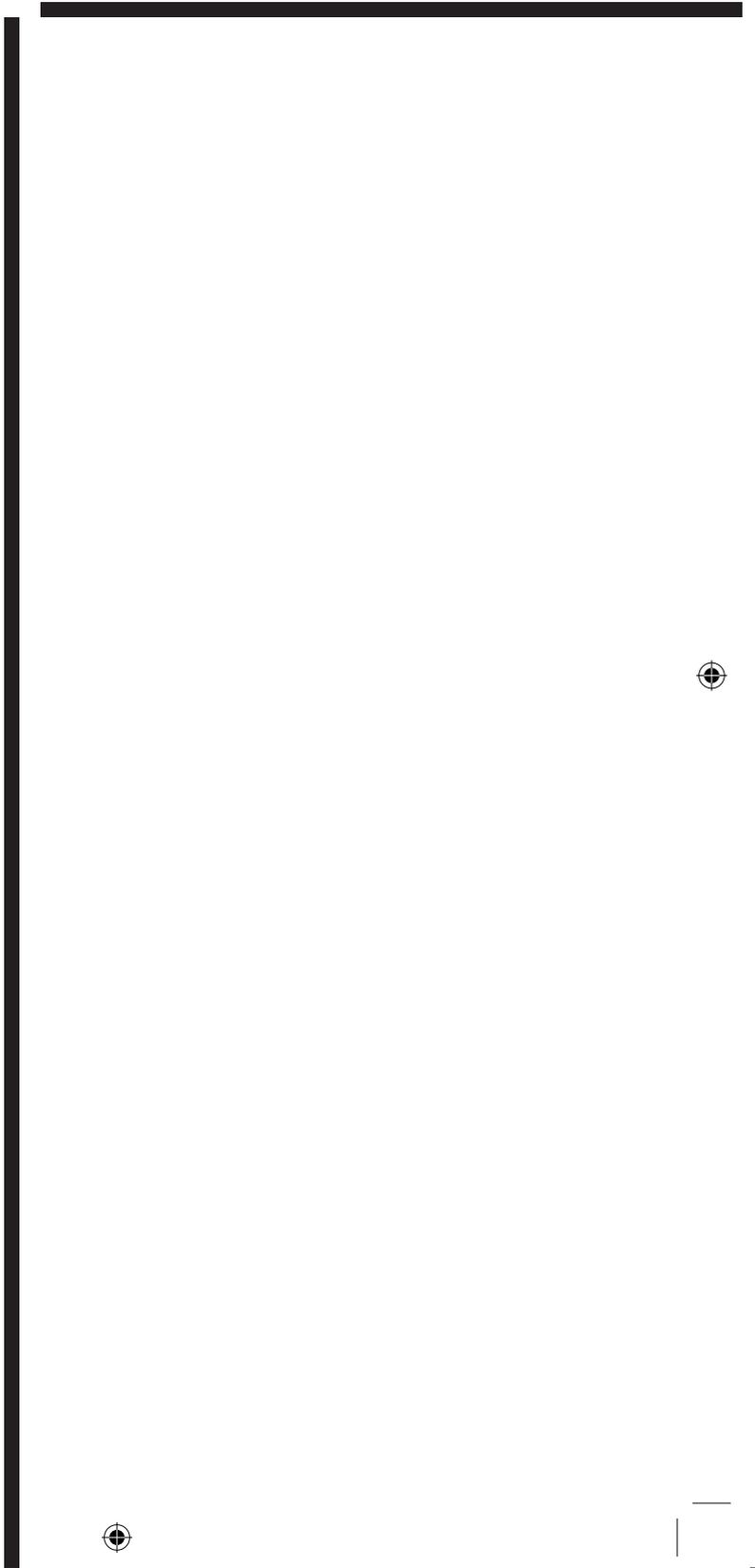
Por fim, nesse pequeno ajuntamento de joias e de segredos, eu diria que a mais valiosa delas, o mais valioso, foi guardado para o final. “Do peito” reconta a velha história das mães pretas cuja vida e cujos seios são alienados da própria prole – é um momento catártico e subversivo em que a mãe rompe por instantes as amarras da escravização moderna:

“Único momento do dia em que lembrou que é Das Dores, não é a funcionária dos Brito, não é a mãe das três crianças. Um suspiro de solidão, um instante de mulher apenas na vida imensa de uma mãe preta a carregar no peito o peso do mundo.”

Certamente, há muito mais a se investigar e a se dizer sobre esta obra, mas, por questões de espaço, paro por aqui. Digo apenas, para terminar, que esta é uma obra tão estética e politicamente sólida e transformadora quanto tudo o que Cristiane Sobral tem construído ao longo de sua carreira. Agradecemos a ela por sua existência, por sua escrita estarrecedora de tão bela e por caminhar ao nosso lado.

**Dinha**  
**Edições Me Parió Revolução**





---

# CAPITULO I





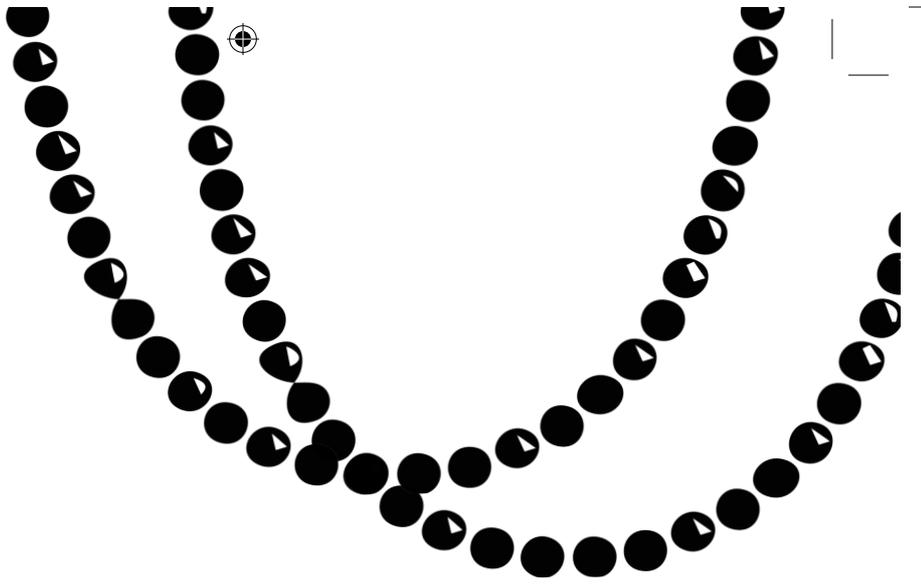
# A LEI DO SANGUE

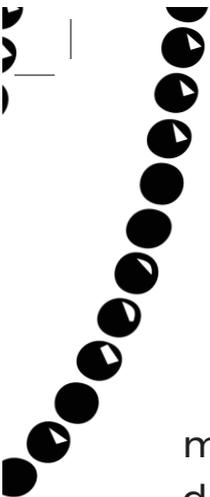
**Cresci** com medo de galos. Vovó Benedita criava galinhas, mas os galos mandavam no galinheiro, mais agressivos e ameaçadores. Havia violência doméstica nos galinheiros. Vovó era cristã, Deus era amor, maldade era coisa do demo. Na minha mente infantil a ave entrou na conta também.

Eu não estava inteira na primeira vez que ofereci uma ave para Exu, não tinha superado a questão com os galos, talvez a falsa liturgia do sacrifício animal tenha ido para o inconsciente, a oferenda acabou ficando incompleta.

Na segunda vez que alimentei Exu, eu era protagonista da minha cabeça, nem resquício do falso machismo aviário. Comprei um galo grande, parecia ancião, esguio e hipnotizante. Penas pretas e algumas em tom azul escuro. Encantador e negro, como eu.

Foi no sétimo dia. Não temi a minha força. O galo tinha cara de águia. Senti sua energia. Não gritou, nem mexeu. Tive vontade de fazer o corte até. Quando o sangue esguichou, já estava apaixonada. Ele era sangue do meu sangue.





# GIRA

**Desde o** primeiro suspiro na barriga da mãe, Dandara ouviu os atabaques no terreiro de Mãe Ana. Ali aprendeu a andar, a brincar com os animais, era livre entre as árvores e as cachoeiras. Em casa, muitos remédios com ervas e banhos eram feitos pela mãe, pela avó e pela bisa. Usar branco e ficar descalça no axé era algo tão natural como respirar.

Sábado. Ficou na fila na frente para o atendimento com a preta velha Vovó Maria Conga. De pé, ansiosa, passava os dedos no cordão de São Francisco amarrado na cintura. Já com seus 14 anos, costumava se consultar nos trabalhos e a pergunta era a mesma:

Quando começarei a trabalhar?

Diziam que a sua hora chegaria. Gostava de imaginar. Acreditava na espiritualidade como uma luz no caminho. Fazer parte, pertencer a uma família negra orgulhosa de suas raízes, com toda a intolerância religiosa que havia, era melhor do que passar uma vida pra descobrir a negritude, ou ainda demonizar as tradições afro, como muitas pessoas faziam.

Finalmente chegou a sua vez. Sentou no banquinho em frente a vovó Conga, nessa hora

não reconhecia a mãe, era transportada para outro espaço e tempo, envolvida pelo cheiro da fumaça do cachimbo, o calor e o brilho da vela, o amor que a ancestral deixava no abraço de despedida.

Minha Dandara!

Sentiu o cheiro de arruda e alecrim e com ele a energia espiritual única da preta velha.

Vovó, quando começarei a incorporar as minhas entidades?

Só terminou a frase. Dandara parecia ter caído desmaiada no colo da avó. Mas não estava fora de si. Alguns médiuns foram chamados para levar a menina para a sala de afinização. Enfim a sua hora chegara. O tempo é sábio, o tempo tem suas razões.





# BERRO

**Ao passar em** frente à loja de artigos religiosos, ouviu a voz dele, impositiva:  
Compra o berrante.

Nunca tinha tocado uma corneta de chifres, não tinha intimidade com fazendas, mas o seu boiadeiro queria a trompa de caça. Ele estava pedindo, então entrou e comprou. Andava muito abatida, na semana anterior foi expulsa do setor onde atuava defendendo as minorias. O chefe gritou:

Não quero mais ver a sua cara preta aqui, você é mulher, macumbeira, preta e militante. Cai fora!

No dia seguinte acordou com a coluna moída, quando tinha essas crises chorava de tanta dor e mal aguentava ficar de pé. Foi ao médico, recebeu indicações para o tratamento e medicações e um atestado de 30 dias, como era servidora pública, dava tempo de conseguir outro posto de trabalho. A violência feriu demais. Denunciou. Mais um dos muitos boletins de ocorrência por racismo e discriminação em sua vida.

No sábado foi ao encontro do amigo

Benedito, sacerdote do candomblé ketu, era dia da festa do boiadeiro. Levou o berro. Quando chegou o Pai já tava incorporado, dançando e bradando pelo barracão, ela ficou na assistência batendo palmas, o corpo ainda dolorido, mas logo a vista ficou escura e ele tomou conta. a sensação era a de retirada desse mundo para algum local de cuidado e de descanso. Tinha confiança total em suas entidades.

O berrante ecoou forte o toque de rebatedouro, uma sonoridade longa e grossa de quebra de demanda.

Não teve jeito. Foi recolhida para tirar as roupas de mulher e vestir o dono do berrante, Seu João das Matas, que mandou um recado:

Com a licença do dono da casa, avisa que eu estive aqui hoje para colocar a coluna dela no lugar, diga que as estruturas estão abaladas agora, mas que ela não esmoreça, vai achar o seu caminho.







**A solidão da mulher negra** pesa nas costas como uma mochila repleta de pedras. Como aqueles pedregulhos que atirei nos meninos da minha escola na infância, aos 10 anos, depois de tanto apanhar sem reação. Desde esse dia, não apanhei mais. Acho que tive a proteção de Xangô, com a sua justiça, o Senhor das Pedras.

Eu sou assim, trago sempre meus orixás comigo pra tudo, porque aqui na terra não tenho ninguém com quem eu possa contar de verdade. Moro em uma cidade grande, mas parece que estou sempre sozinha, passo por muita gente, mas me sinto meio invisível, ninguém conversa, nem ao menos me vê. Nas lojas, esquinas, nos cafés. É como se eu não fizesse parte desse mundo onde sempre me disseram que eu deveria estar pra ser uma vencedora.

Eu cheguei ao topo, mas não pude trazer os meus. Um dia desses, era noite, eu estava pronta para jantar sozinha como sempre, mas decidi que não seria no meu apartamento. Me arrumei, descii e fui a um restaurante chique

ali da minha esquina, afinal eu podia pagar, não tinha necessidade de me privar de espaço algum.

O estabelecimento estava cheio, mesas lotadas de gente fútil, aquela superficialidade normal dos lugares embranquecidos. Quando a refeição chegou, comecei a remexer o prato mas fui perdendo a fome, sempre aquele enredo de garçons me olhando com surpresa, madames julgando a minha cor e o cabelo crespo assumido, homens com esposas dando aquela olhadinha na “mulata que podia estar dando sopa”, crianças com aquela cara de “nunca vi uma preta além da empregada lá de casa, olha ela!”.

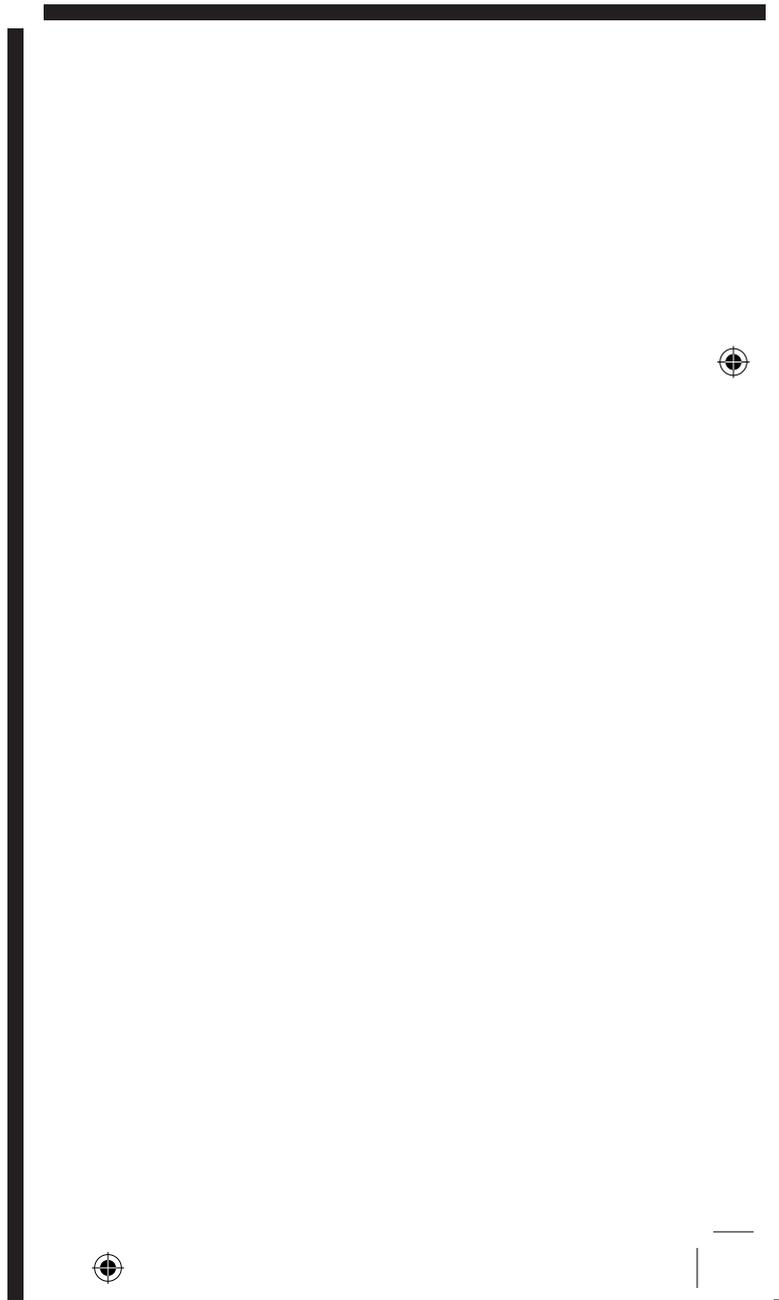
Chamei o funcionário, paguei e pedi pra embalar a refeição pra viagem. Na verdade eu tive ali naquele instante uma luz: resolvi fazer uma oferenda, desde a infância pobre aprendi que o alimento é sagrado, com comida não se brinca e como quem dá sempre recebe, naquele dia eu não queria comer só.

Saí com o alimento nas mãos e comecei a andar sem destino pela grande e larga avenida movimentada até que encontrei um homem que aparentava ser um morador em situação de rua mexendo em um container de lixo. Parei ali. Eu também não tinha lugar algum para ir.

Resolvi fazer uma oferenda. Entreguei a

embalagem, ele me olhou nos olhos, conseguiu me enxergar. Até podia ser o pai que nunca conheci. Éramos negros. A verdade é que fazia um bom tempo que eu não via um negro de perto. Meus pés doíam de tanto caminhar com os meus saltos apertados. Ele não tinha sapatos.

Segui o meu caminho de volta pra casa. Observei enquanto me afastava, que ele tirou do casaco rasgado uma garrafa de cachaça. Gargalhou alto. Eu sabia que não estávamos sozinhos, senti a presença de Exu. Laroîê.



---

# CAPITULO 2





# CHARME

**Enquanto se** arrumava diante do espelho, lembrou do pai.

Filha, quando começar a namorar, lembra que é negra, tenha orgulho do seu cabelo, das formas do seu corpo, do seu nariz lindo. Você é uma princesa, não dos livros onde a princesa é um brinquedo de príncipes que aparecem para a salvação. Você é uma futura rainha, saiba guerrear nas turbulências da vida, não escolha qualquer um, se não surgirem boas opções, escolha a si mesma, nunca estará só. Você é mais do que vencedora, nossos ancestrais sempre estarão ao seu lado.

Com essa frase na cabeça, Ana entrou no Baile Charme, tinha combinado com os amigos o encontro na festa. Se Otávio estivesse vivo, iria de carro, ele buscaria, levaria e até daria carona aos amigos, deixando cada um na porta de casa. Estava especialmente bonita com a roupa escolhida. Valorizava o seu corpo e a sua beleza, no auge dos dezesseis anos.

Do outro lado do salão, apareceu o seu paquera, Pedro, um rapaz negro de cabelo afro

cortado quadrado, estiloso, alto, ela achava lindo homens altos e fortes, não porque não fosse capaz de se proteger, achava lindo mesmo! Tinha 1,75m, não era baixinha.

Eles tinham combinado o encontro lá no baile. Na pista, começou a tocar um ritmo lento, o rapaz se aproximou e convidou Ana para dançar. Ela topou. O ritmo foi bem defendido pelos pés em compasso. Indo e vindo riscaram o salão, encantadores, imponentes, eles, descendentes de reis e rainhas. Se o seu pai estivesse ali, veria Ana feliz. Com certeza teria muito orgulho da filha.





# 147

**Dia de comemoração do** segundo ano com Dora, sua paixão. Bem vestido, cabelo impecável, cheiroso que só. Pegou a chave do carro e saiu. Seu fiat preto antigo, 147, reformado, era um xodó. No banco de trás, estava o buquê de flores vermelhas para a amada. Deu partida. Uma, duas, três vezes, nada.

Saiu do carro, abriu o capô, parecia estar tudo funcionando. Concentrado, não desviou do sem noção apressado que sujou Antônio todo de lama:

Otário!

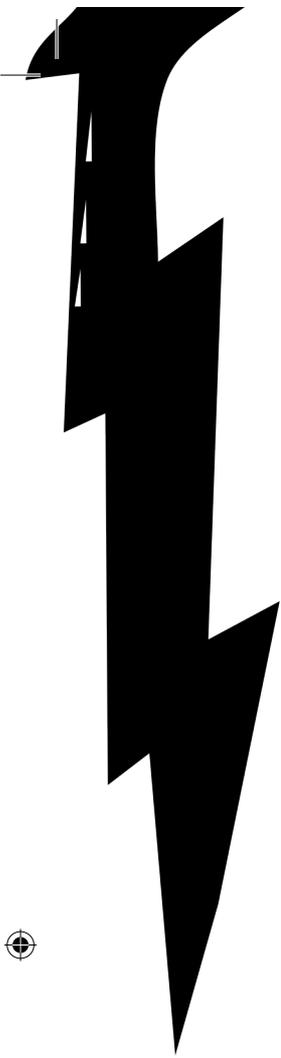
O cara deu a volta, estacionou. Branco, vestia branco, até o sapato era branco.

Macaco, tá pensando que sou teu parça?

Meteu um chute no para-choque. Lutaram, palavrões em voz alta. Preto, branco racista, alemão de merda, nego safado. Antônio meteu um murro e finalizou o algoz, desmaiado.

Pegou o telefone:

Preta tô indo a pé, desculpa meu bem. Branco não dá folga, um racista me chamou no braço, já viu esse negão aqui dar mole? Mas esse escureceu, ficou lá caído, roupa toda suja, cara manchada de graxa preta. Bora enegrecer essa gente nem que seja no soco. Tô chegando, te amo!



# VOCÊ TEM TODOS OS DENTES?

**Leocádia nasceu para ocupar** espaços, segundo a profecia da avó mineira e benzedeira, a avó Ditinha, mas em sua caminhada as portas sempre foram estreitas. Quando soube do edital, em plena pandemia, aproveitou o isolamento como recolhimento: estudou madrugadas adentro coordenando com os três trabalhos privados em escolas no regime manhã, tarde e noite.

Estava em home office mas era dureza. Vida de professora. Vida de mulher negra e mãe solo. Opressão entre quatro paredes, país em queda livre, economia em colapso.

Decidiu não reclamar e carregar pedras já que estava viva e ainda não tinha enterrado nenhum corpo próximo. Desligou a TV, saiu das redes sociais, parou de responder as mensagens de aplicativos de conversa dos amigos. Obteve a aprovação no concurso. Satisfação interior e alívio das contas que gritavam nos seus ouvidos nas madrugadas. O desespero proporciona o caos e o caos gera energias transformadoras, potentes, para

encontrar saídas inusitadas.

Passou em primeiro lugar naquele certame para professora em uma Universidade no rol das mais renomadas do país. Não teve tempo para comemorar. Conhecia o capcioso mundo dos detalhes. O tempo seria cuidadosamente dedicado a cumprir as etapas que promoveriam de fato a sua admissão.

Logo brotaram os e-mails com pendências e prazos exíguos, exames para realizar, documentos para reunir e copiar, um dossiê completo para entregar, reuniões com a nova equipe e chefia, demandas, demandas, demandas. Além disso haviam os exames médicos e a ansiedade pelos resultados, pois caso negativos fossem poderiam inviabilizar a sua contratação.

A consulta com o clínico geral foi dureza: lá estava ele, sentado, de máscara, na sua mesa usada de médico de hospital público, cadeira velha, ele velho também, com cara de gente má, mesmo por debaixo da proteção anti-covid. Respondeu o seu bom dia com má vontade e alguma desconfiança.

Ela entregou os exames. Ele olhou, propositadamente demorado, na verdade olhou pra ela várias vezes, de cima até embaixo, mas então não deveria se concentrar no resultado dos papéis? Não foi o caso.

Leocádia estava sem jeito, aquele homem ali

encarando, tossindo, por um tempo que parecia infinito. De repente ele soltou a pérola:

Você tem todos os dentes?

Ela não entendeu direito e respondeu, nervosa:

- O quê?

Ele repetiu, falando mais alto e irritado:

Você tem todos os dentes?

Só aí foi entender a pergunta racista e sentiu como se de fato estivesse à venda em pleno regime de escravidão. Ter todos os dentes valia muito. Ficou sem ar. Mas a situação era completamente adversa. Respondeu rápido:

- Sim!

Ele entregou os papéis, completamente transtornado. Seria um descendente de um parente também médico membro da eugenia? Lá estava ele com aquela cara de território invadido de disputa de poder perdida, como assim uma professora negra titular de uma Universidade?

Ainda saiu com essa:

Realmente os tempos estão mudados. O mundo está perdido. A Sra. Leocádia dos Reis, a senhora está apta a assumir o cargo. Uma curiosidade apenas: a senhora tem algum transtorno mental ou melancolia?

Não.

Respondeu rapidamente, com vontade de quebrar os dentes daquele desgraçado. Ou

arrancar no murro a sua dentadura. Pegou o seu papel e saiu o mais rápido que pôde.

Estava com o sangue frio e programado. Por isso a ausência reativa e a aparência de provável apatia, sabia ser um peixe morto, seu apelido na escola pública onde foi aprovada enquanto os bichos escrotos, os alunos racistas e preconceituosos, sabe se lá onde andariam a uma altura dessas. Não fazia a menor questão de saber.

A invisibilidade negra e o silenciamento poderiam ser sim uma forma de resistência e atitude de enfrentamento.

Ainda bem que havia um jardim do lado de fora do hospital, onde vomitou todo o racismo e o caráter escroque daquele homem branco com ares de colonizador. Porque os hospitais tinham jardins tão lindos? Sempre achou que fossem um disfarce do sistema. A ilusão do paraíso no sistema cristão. E eram.

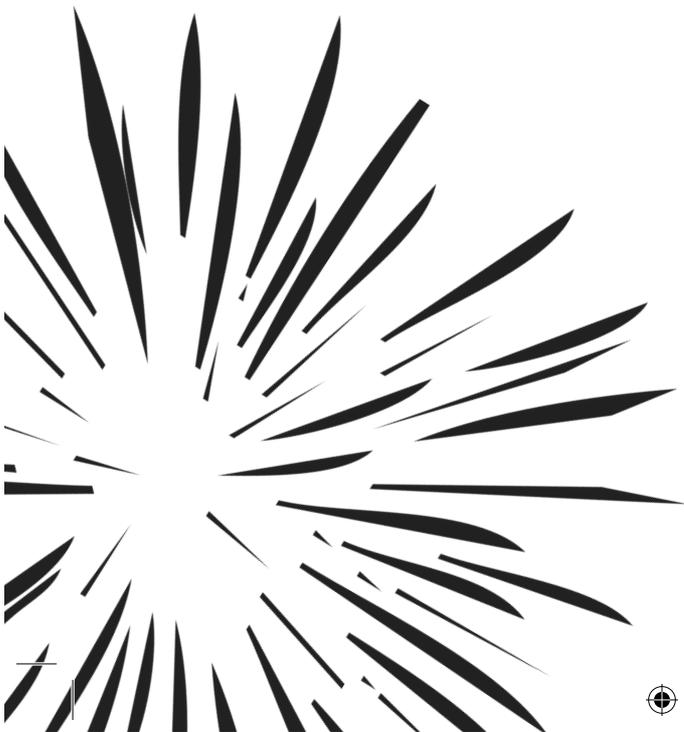
Para os racistas, não adiantava apenas ter ódio e inveja dos negros, era preciso o tempo todo estabelecer relações sádicas nas quais os seus descendentes pretos deveriam ser sistematicamente punidos para talvez provar as teorias de conquista da tão almejada alma branca.

Na saída parecia ter ouvido o médico dizer:

Não posso mais torturar a sua carne, mas

posso enlouquecer o seu cérebro.

Entrou no carro e dirigiu pra casa pensando: loucura é assunto sério doutor, o senhor deveria ter estudado melhor. Ela sabia que era uma mulher negra, livre e que tomaria posse do seu cargo, consciente de suas capacidades e de toda a luta para chegar até ali. Eles que esperassem o inesperado.



# MARIA CLARA

**Quando** Maria Clara nasceu, não estava sozinha, com a proteção de Nzambi. Nasceu com a sua história: saúde frágil, nascimento indesejado, fruto de um relacionamento sofrido e da culpa da mãe desconhecida. Uma criança descartável, justamente porque foi atirada, em um ato de desespero, dentro de uma fétida caçamba de lixo.

Mas a pequena também tinha uma natureza combativa. Na sua primeira morada, dentro da caçamba de lixo, com o seu sangue misturado aos resíduos descartados naquela caixa pública de porcarias onde sua mutuê adivinhava que não seria o seu lugar, estaria apenas de passagem, talvez sujeita a um teste da natureza para forjar os escolhidos, a garotinha reuniu instintivamente as poucas energias que ainda lhe restavam. Começou a gritar. Os bebês saudáveis têm uma força descomunal no seu grito, comovem multidões. Os bebês comovem multidões. Há neles uma força vital.

Essa recém-nascida realmente não nasceu saudável, mas queria muito, muito, conquistar

o direito à vida. Gritou como pôde. Um gemido frágil, miúdo, desesperado, entre os soluços de dor que provocavam espasmos naquele corpo mínimo, corpo negro desconhecido que já sentira o arrebatador decreto do abandono.

Só mesmo o destino para precipitar os acontecimentos, porque a garotinha definitivamente não tinha muita força para gritar. Alguém precisava encontrar logo aquela criança, senão seria o fim...

A pequena estava prestes a se afogar com o seu choro, sem forças, confusa em sua visão turva da realidade. Sentia sede, e dores intensas em todo o seu corpo carente de abraços. Em seu corpo urgente.

No seu derradeiro suspiro, foi alcançada por certa mão pálida, trêmula, de dedos enormes que trouxeram a recém-nascida para fora da caçamba de lixo. Foi tocada pela primeira vez por mãos enormes. Respirou fundo. Descansou na palma daquela mão. A menina cor de chocolate toda ensopada de sangue enxergou entre os dedos uma luz difusa, seria aquilo o mundo? Venceu o primeiro desafio da esfinge do seu destino.

As mãos pertenciam a uma mulher de quem a menina nunca obteve maiores informações. Sua história de vida carecia de muitas respostas. Talvez por isso fosse apaixonada por quebra-cabeças,

estaria sempre tentando montar a sua história? Ou já percebera que os pedaços, os lugares limítrofes, os limiares, seriam uma parte legítima da sua existência? Quando encontrou a menina, a mulher pensou em entregar a nenê, clandestinamente, a um casal negro sem filhos que morava no mesmo bairro, cuja mulher era estéril. Ou seria o marido? Ao chegar com a menina, o casal amigo havia acabado de acolher outra garotinha. Em um país de cumprimento duvidoso das leis, muitas crianças ainda crescem órfãs, à espera de uma adoção... Ainda não havia chegado a hora dessa criança. Decidida a encontrar um lar para a menina, a mulher dona das mãos salva-vidas enrolou a infante em uma coberta, embora fizesse calor naquele dia. Era melhor não ficar mostrando demais a criança. Nesse dia não foi trabalhar. Andou de casa em casa pelo bairro de subúrbio onde morava como quem oferecia um produto de liquidação. O interessante era que ninguém estava interessado.

Mesmo em uma sociedade onde todos são treinados a consumir desesperadamente.

Em um bairro sem muitos acontecimentos especiais, a vizinhança começou a comentar o caso do bebê sem dono. Cochichavam como um coro trágico grego, como as tias de certas peças teatrais de Nelson Rodrigues, como a vizinhança de um bairro de subúrbio.

Uma criança custa caro, diziam alguns.

Filho alheio é como cobra, a gente cria e cresce para nos morder.

Sabe lá o que essa menina vai ser no futuro, se foi jogada fora é porque é filha de árvore podre...

Se fosse loirinha dos olhos azuis, eu levaria... Sempre quis ter uma boneca assim.

As mãos estavam cansadas. O que duas mãos sem aliança, que já cuidavam de três filhos com extrema dificuldade fariam com aquela criança? A fim de encontrar consolo, passaram mais uma vez na casa da melhor amiga, líder comunitária, para desabafar.

Aquelas mãos gesticulavam e arrastavam um corpo muito cansado de uma mulher guerreira, quase vencida em seu campo de batalha. A melhor amiga, que se chamava Celia, mais conhecida como tia Célia, pegou a garotinha nos braços. Percebeu que era de fato uma criança, como todas as crianças, sem tirar nem pôr. Não era uma mercadoria qualquer. Colocou a pequena nos braços do marido, que sentiu o desejo de cuidar. Era uma criança. Não era um objeto descartável, nem seria possível naquele momento atribuir juízo de valor algum àquela menina, com ênfase nos dramas familiares televisivos habituais.

Por que jogar fora meu Deus, um ser humano? Resolveram ficar com a menina. Resolveram exercer

certa dialética a favor da vida humana. Eram pobres, estavam na meia-idade, tinham três filhos já criados, não tinham perspectivas futuras. Tinham dignidade.

O marido, funcionário aposentado por motivo de doença, meio deprimido com a monotonia da solitária vida rotineira em casa, estava com os olhos cheios d'água. Parecia hipnotizado por aquele pequeno ser. Parecia ter reencontrado uma esperança há muito tempo perdida.

Tia Célia parecia envolvida por algum tipo de estranhamento ou distanciamento, refletia sobre as decisões, sobre a experiência e as consequências da maternidade, e mesmo assim acolheu a menina. Envolveu a pequena nos braços e foi ao cartório, onde foi atendida por um funcionário meio mal-humorado que perguntou, como de praxe, para o registro da certidão de nascimento:

A cor da menina?

Tia Célia sentiu o pavor do território perigoso da adoção à brasileira. E se descobrissem que não era a mãe da menina? Já sentia que não seria capaz de se separar dela. Ela era branca, o marido também, não poderia gerar uma criança negra... E se a mãe aparecesse e levasse a menina? Para evitar problemas futuros, precisava registrar a menina o quanto antes.

O funcionário do cartório repetiu, irritado:

Senhora, a cor da menina?

Deus me perdoe, ela pensou. Com um suspiro profundo, embrulhou totalmente a menina na coberta que a envolvia. Balançava a garota em seus braços, tentando disfarçar o nervosismo: Branca.

O funcionário continuou o interrogatório:

O nome?

Tia Célia pensou em um nome. Tinha que ser um nome que combinasse com uma menina branca. Estava meio embaralhada das ideias, confusa com toda aquela situação. Começou a tossir e a reclamar do calor, como quem tira o foco da cena principal.

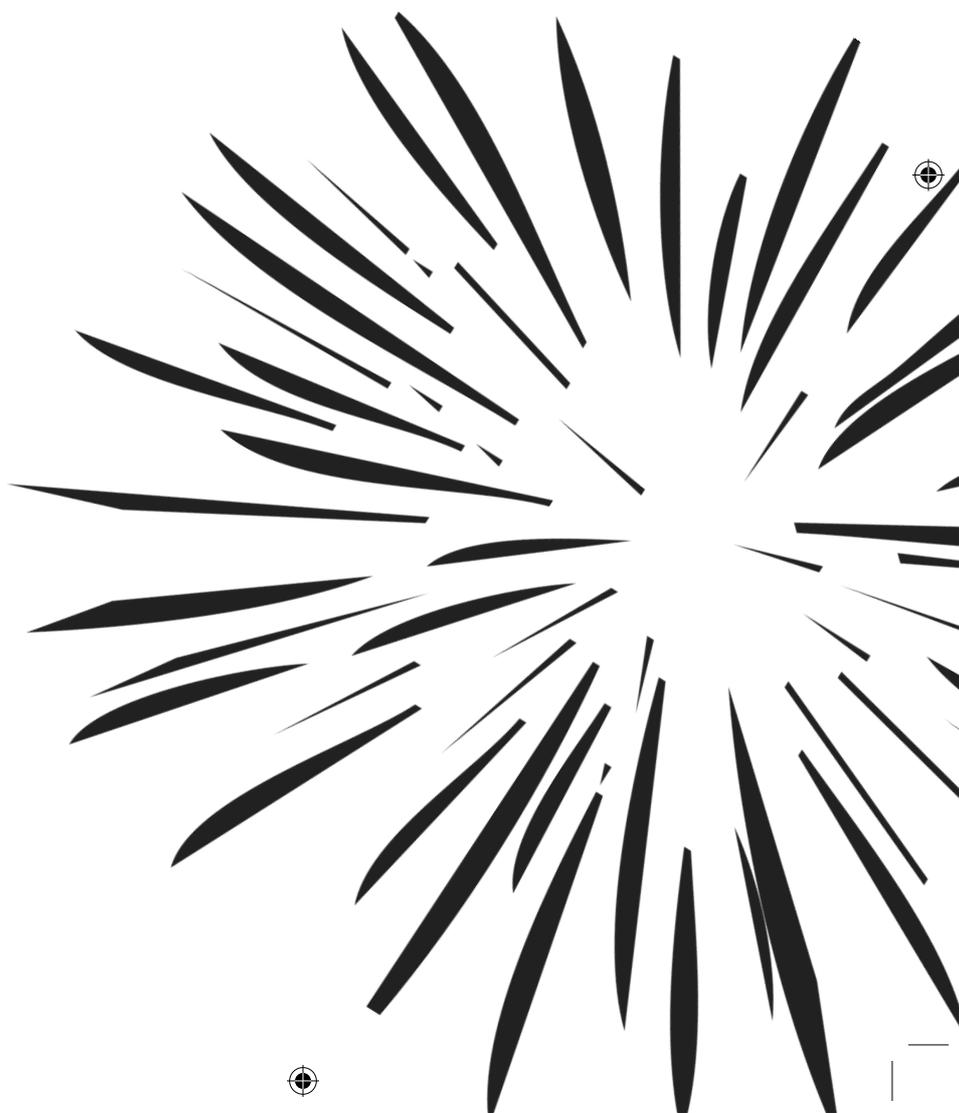
Maria Clara. E na sequência acrescentou o sobrenome da família. Silêncio total. Tia Célia estava sem chão. Mais uma pergunta do escrivão:

O dia, o mês e a hora de nascimento? Onde nasceu?

Tia Célia olhou a menininha, tinha cara de ter, sei lá. Era tão pequenininha, talvez uns três, quatro dias, devia ser mais ou menos isso, pela experiência que tinha com seus outros filhos.

Nasceu no dia 21 de junho, às 16h30. Não deu tempo de ir ao hospital, nasceu em casa mesmo... O homem ficou calado examinando tia Célia de cima a baixo, por detrás de óculos com lentes de muitos graus durante um tempo que parecia eterno. No colo da tia Célia, a menina estava gelada.

Com os olhos arregalados, espantados. Com seus profundos olhos castanhos. Não era tão escurinha, dava para disfarçar. Tia Célia apertava a bebê junto ao corpo, como se quisesse guardá-la dentro de si. Nunca teria leite materno para oferecer à pequena. Mas as duas já estavam ligadas para sempre.



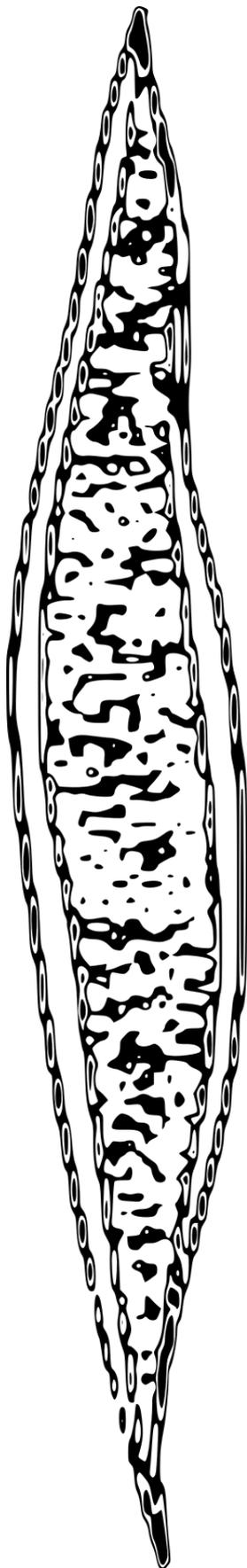


111



---

# CAPITULO 3



# CRIANÇA NÃO TRABALHA

**Aos doze** anos Cilene foi morar com o irmão depois de ficar órfã de mãe e dos inúmeros episódios de violência com o pai alcoólatra. No barraco também moravam a cunhada e a sobrinha de 13 anos. O bairro era um dos mais perigosos, do nada, a qualquer hora, aparecia defunto no meio da rua. Cilene morava em um bairro aparentemente mais tranquilo. Não gostava daquele lugar. No segundo dia, logo cedo, seu irmão André entregou um top e um short curto:

Acorda! Aqui não vai ter moleza, não sou seu pai. Vai trabalhar no meu bar fazendo faxina e atendendo os clientes.

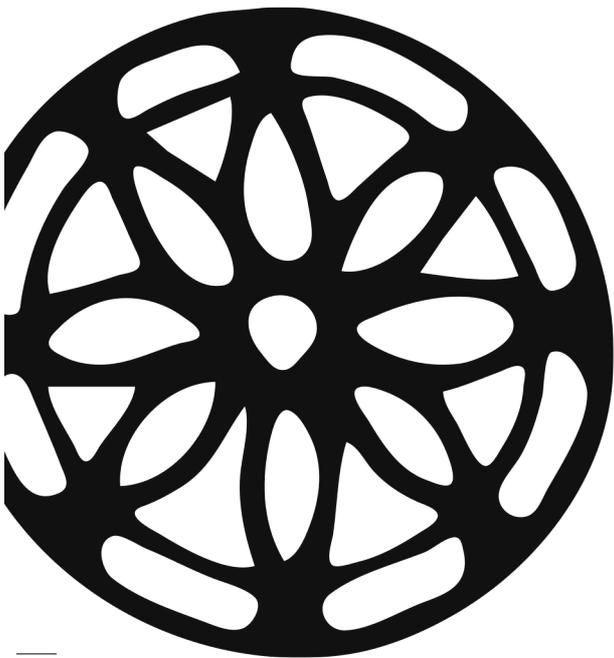
Tinha medo do André. O irmão parecia não gostar de mulheres, batia muito na esposa e na filha. Não queria ser a próxima. Obedeceu, mas aquela roupa era a última que gostaria de vestir. Seu corpo estava mudando muito e morria de vergonha de usar roupas curtas. Primeiro dia de trabalho. Atendeu uma mesa cheia de homens,

foi como se estivesse nua com aquela roupa, sentiu até falta de ar, o coração acelerado. Colocou as cervejas na mesa tremendo e com cuidado pra não derrubar nada. Um homem branco, com uma pulseira prateada bem grossa no braço gordo e tatuado, segurou seu pulso fininho:

Menina linda, gostei de você delícia. Semana que vem venho te buscar pra gente passear, você vai adorar, tem cara de boazinha...

À noite conversou com as meninas da rua e soube que ele era o traficante mais perigoso, que também estuprava meninas e matava. Desesperada, bolou o seu único plano de salvação. O maior inimigo do irmão era Rildo, o irmão mais velho. Ligou, contou tudo, no outro dia a polícia bateu lá. Cilene foi puxada como se fosse uma boneca e jogada no camburão. Pela grade do veículo, viu a polícia batendo no André enquanto o Rildo, dentro do camburão com os canas, olhava com cara de vingança. Dessa vez conseguiu salvar a sua pele.





# CELA 9

**O corpo** de Verônica foi, durante muito tempo, um lugar desconhecido. Uma identidade silenciada, condenada aos estereótipos de subalternização. Desde a escola, as pessoas sempre tiveram regras para o seu corpo, como e com quem devia andar, como sentar, falar em público, como vestir-se para causar uma boa impressão.

Quanto ao seu cabelo, aprendera que não havia jeito, porque ninguém sabia o que fazer com ele, eram os fios crespos culpados pela inadequação ao padrão das capas de revista, assim como a pele escura, os lábios grossos e o nariz grande e arredondado.

Na sua vida estudantil, a timidez e o silêncio sempre pareceram oportunos para enfrentar as dificuldades. A invisibilidade cabia bem para quem não tinha privilégios. Perdeu as contas dos apelidos pejorativos recebidos, dos meninos com os quais sonhou inutilmente, porque sempre havia alguém mais bonito e inteligente do que ela.

Aliás, beleza e inteligência não eram atributos relacionados aos negros e negras que conhecia. Sempre acreditou que a razão dos

seus problemas estivesse relacionada com a sua cor. Mais tarde descobriu que o racismo era a questão.

Além disso, havia questões de gênero. Habitar um corpo negro e feminino não era um mero detalhe biológico. Se soubesse disso há mais tempo, não teria sido vítima de tanta violência, não teria ficado em silêncio diante de tantas agressões e humilhações. Poderia ter olhado pra frente e não para baixo nas horas certas, poderia ter entrado com decisão ao invés da postura acuada que tantas vezes utilizou.

Mas em toda parte, falar de negritude parecia ser algo proibido, subversivo. Estavam todos contaminados, negros e não negros, poucos ousavam denunciar a opressão. O racismo era um crime perfeito. Tinha uma imunidade estrutural histórica.

Lembranças que ziguezagueavam ruidosamente na sua cabeça no dia em que foi presa por agressão, depois da tentativa de estupro do seu chefe, o patrão desejava mais do que os serviços prestados. Ela não quis ceder e reagiu. Outros funcionários da empresa chamaram a polícia. O proprietário da empresa alegou inocência, óbvio.

Do camburão até a cadeia, levou muita pancada, principalmente no rosto. Pingava um sangue que não conseguia limpar por causa das algemas. Nunca havia apanhado dos seus pais, nunca havia sofrido tamanha brutalidade.

O xilindró era outro planeta. Durante o encarceramento conheceu outra noção de tempo e espaço. Encontrou pessoas ótimas, outras nem tanto. Quase todas, pele clara, pele escura, mas negras, como ela.

Depois de alguns meses, conseguiu a liberdade pra responder fora das grades, porque seu pai pagou a fiança. Saiu no mesmo dia em que a Paula, uma conhecida do xadrez.

Ao sair, Paula entregou um pedaço pequeno de papel com números:

Ficarei feliz se puder ligar, temos muito pra conversar.

Verônica foi para casa. No meio da sala encontrou a mãe nervosa, andando de um lado para o outro, sem entender a situação, querendo saber o que tinha feito de errado, afinal o emprego era ótimo, o patrão era tão bom! Mas ela ainda não conseguia falar sobre o assunto.

Trancou-se no quarto. O corpo ainda estava dolorido e machucado. Não conseguiu dormir. Na madrugada, ligou para Paula, dizendo que aceitaria o encontro. Marcaram. No dia seguinte, sentaram em um café perto da casa de Paula.

Ela era estudante universitária, cursava direito, foi presa durante uma manifestação contra o governo. Começou a falar sobre tanta coisa, tudo parecia fazer sentido, o racismo, o machismo, a pobreza e o descaso do Estado com a maioria preta e parda desse Brasil.

Enquanto ela falava, Verônica revisitou

vários momentos de sua vida, pensando em como poderia ter agido, como tudo poderia ser diferente. Paula estava ali porque conhecia um grupo de advogados, queria ajudar Verônica com a questão judicial. Paula perdeu um irmão, também estudante, assassinado pela polícia. Conversaram muito.

Foi a primeira vez em que encontrou alguém com disposição para uma escuta sincera. Verônica ficou ali sentada sozinha depois da saída de Paula. Sua cabeça dava mil voltas.

Dias depois, marcaram outro encontro, quando foi apresentada aos membros do grupo de estudos negros da Universidade onde Paula estudava. Antes, achava que a Universidade não era para pessoas como ela, havia desistido de vários sonhos há muito tempo.

Depois da reunião, foi para casa e tomou banho. Debaixo do chuveiro chorou, um choro compulsivo acumulado, lágrimas de um corpo com mais dispositivos para o sofrer do que para o prazer. Tocou seu corpo, as marcas ainda doídas da crueldade policial, mas havia outras violências invisíveis no seu corpo feminino. Havia pranto, medo, dúvida. Raiva.

Verônica agora olhava para os seus espelhos interiores. Nascia em meio ao seu choro imenso, negro, cheio de vida.





# XADREZ DAS CORES

**A preta** de pele clara não sabia que a preta de pele escura tinha tanto rancor e inveja no coração. Também tinha as suas mágoas. Desconhecia o jogo sujo praticado pelo xadrez do racismo, o sistema mais sofisticado de dominação mundial. Era regra racista dividir para melhor reinar.

A preta de pele clara sonhava ser mais escura, mas não sabia: a preta retinta aprendera desde a família, a igreja e a escola, a odiar a cor e o cabelo crespo. A preta de pele clara sonhava em ter um black power. Tinha cachos.

O conflito. Sem saber, protagonizavam um triângulo amoroso. As duas e um homem negro retinto que, ostentando a sua masculinidade tóxica enganava a si mesmo e traía as duas sem responsabilidade afetiva.

Classificadas na prateleira do amor e embaladas pelo machismo, foram criadas com a crença de que homem não conseguia resistir a mulher... Será? No fundo, se negros não se

relacionassem e tivessem filhos, o sistema racista bateria palmas, existiriam menos pretos no mundo.

A notícia veio à tona naquele dia, a fofoca rolou rápido no pequeno bairro. Assunto suficiente para colocar pimenta e inflamar o bate-boca no meio da rua:

Preta fingida, pouca tinta, tá se achando com esse cabelo cacheado? Ele ficou com você porque não está preparado para uma preta de verdade como eu!

Eu também sou preta sua complexada, pensa na solidão da mulher negra, caramba! Você é linda, fomos usadas, não enxerga isso? Ele é um mentiroso.

Não chegaram em acordo de jeito nenhum.

Bruxa daqui, sua feia de lá, mais xingamentos na rua e o povo provocando, em coral:

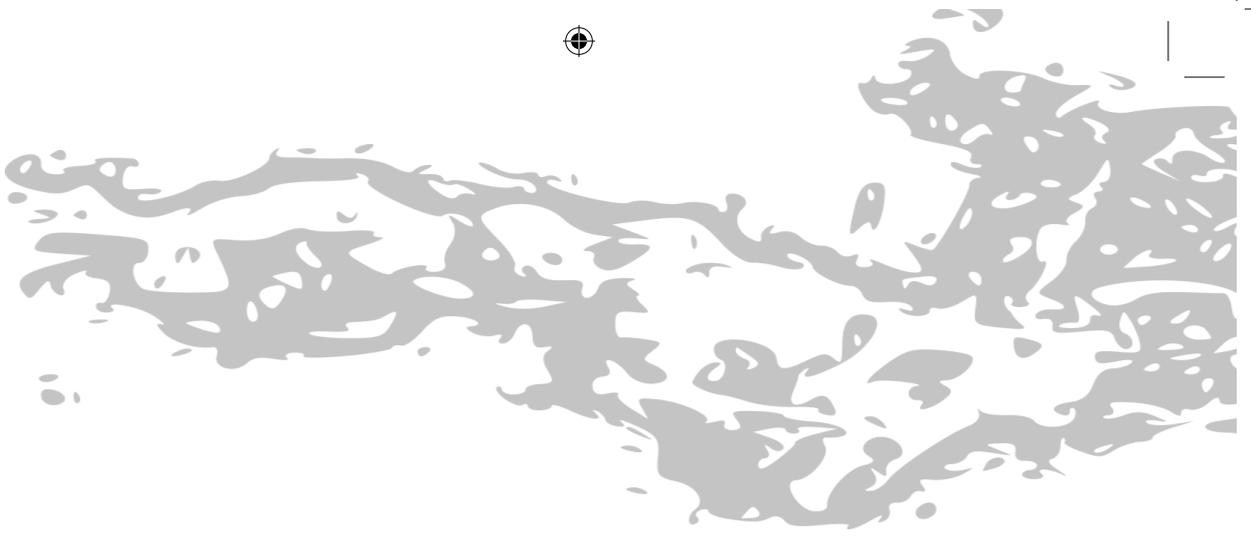
Toda preta é barraqueira!

Arranca o cabelo dela, deve ser peruca!

O cara da história? Não deu as caras por lá. Multiplicaram tapas com chutes, socos e puxões de cabelo até caírem exaustas, machucadas, roupas rasgadas, corpos no chão.

Ninguém separou, nem ajudou, mas teve quem chamasse a polícia, anunciada pela sirene estridente. Foram detidas e jogadas no camburão. Por todo lado pingava sangue negro.







# JOÃO

**Boa** noite, pessoal. Meu nome é João. Hoje vou contar uma história antes de começar a cantar. Desde que comecei a contar histórias entre as canções, o meu público aumentou, as pessoas gostam de histórias. Como entregador de pizzas e cantor, já vivi momentos incríveis.

Não sou famoso, mas sou apaixonado pelo meu trabalho... Há dez anos trabalho como cantor no turno da noite. Durante o dia entro na intimidade das pessoas e entre uma gorjeta e outra vou selecionando novos protagonistas e temas para as minhas canções.

Tenho vivido entre o pão e o sonho, cantando em bares na madrugada e enfrentando o dia como entregador de pizza. A história que mais me marcou aconteceu quando passei a entregar pizzas gigantes quatro queijos no mesmo apartamento, sempre às segundas. Sempre no mesmo horário.

Entregava pizzas a uma jovem que parecia solitária, meio reticente, cujas gorjetas falavam por si só, polpudas, sólidas, como se pedissem segredo quanto à sua orgia gastronômica. O nome da moça? Socorro. Aparentava uns 25 anos, negra, cerca de 1,60m, cintura fina, braços grossos e

quadris volumosos.

Seus cabelos, que demorei muito para ver, porque ela estava sempre com a cabeça coberta por lenços, eram escuros, cheios, crespos.

Seus cabelos eram bonitos, mas raramente estavam soltos. Tinha olhos bem expressivos. Eis que em uma segunda-feira nublada e preguiçosa, a minha cliente fiel cruzou a rua onde ficava a pizzaria. Ali na calçada ela parecia linda e atraente, com os cabelos soltos, talvez preparada para um passeio ocasional. Logo percebi que seguia rumo a algum local próximo e por pouco tempo, pois usava sandálias rasteiras. Pude ver em seu olhar o quanto estava disposta a cometer um crime. Digo isso porque sempre gostei de livros e filmes policiais.

Parada em frente ao semáforo, parecia tímida. Olhar na calçada, mãos em balanço frenético, gesto que mostrava o quanto o sinal vermelho despertava sua ansiedade. Cruzou a rua aprisionando as mãos no bolso da calça jeans que trajava. Passou por um salão de beleza, por duas farmácias e por uma loja de verduras até chegar à lanchonete e à confeitaria “Gostosura”.

A partir daí ela saiu do meu campo visual. Fiquei nervoso. Nesse dia percebi que estava completamente atraído, era a moça com quem eu encontrava, ainda que involuntariamente, toda semana.

Não resisti ao impulso e fui ao encontro da

moça. Inventei uma desculpa qualquer para me ausentar do trabalho por uns instantes e, movido sabe-se lá pelo quê, segui adiante, com uma convicção secreta. Entrei na loja de doces, onde confirmei o seu apetite pela destruição. Seus olhos castanhos estavam fixos na vitrine e percebi que havia neles certa angústia, ansiedade talvez uma compulsão alimentar.

A moça fez seu pedido: uma torta de chocolate de aproximadamente três quilos, um litro de refrigerante e quinhentos gramas de coxinha. Pagou em dinheiro e pediu à atendente que organizasse toda aquela munição perigosa em uma embalagem.

Sei que percebeu que eu lá estava, pois lançou em minha direção o mesmo olhar cúmplice do instante das gorjetas. Saiu. Não pude dizer nada. Nem sei se queria, ou o que diria. Fiquei sem saber o que fazer. Retornei ao meu trabalho onde recebi, um pouco mais tarde, a habitual ligação com um pedido expresso de entrega de pizza gigante quatro queijos para a Srta. Socorro.

Saí para atender o costumeiro chamado pensando em convidar a moça para um passeio, quem sabe um suco? Saí, sentindo certo mal-estar, porque na verdade eu não sabia como cortejar uma mulher.

Quando a encontrei, depois de ter empurrado a porta entreaberta, estava disposto a mudar a nossa história. Jamais imaginaria ver o que vi: no

centro da sala havia uma mesa de madeira escura, onde restos de catchup estavam espalhados entre guardanapos e embalagens rasgadas. O chão também foi invadido pelo pecado da gula. Havia pedaços de comida por toda a sala.

Ela estava deitada no chão gelado de taco fosco, nua, inerte, deitada de barriga para cima. Tive que reparar os seus seios, lindos, inesquecíveis, perfeitos. Tive vontade de abraçá-la, mas sabia que não poderia mexer na cena do crime. Contive os meus desejos.

Ao seu lado, encontrei pilhas de revistas de moda, dietas e beleza. Em meio ao paradoxo, havia indícios precisos de um ritual selvagem sem arrependimentos nem pausas. Um ritual de autodestruição. Sua pele castanha estava manchada com sangue, tinha os pulsos cortados. Havia muito sangue pelo chão da sala, misturado ao catchup. Sentei no chão da sala e chorei como se estivesse perdendo um ente querido.

Ah, Socorro, por quê? Por que a destruição? Seria solidão? Eu também me sentia só. Nunca tive muito sucesso na vida cotidiana. Cantava, entregava pizzas com esmero, mas não tinha uma vida pessoal. O racismo muitas vezes sofrido fez de mim uma pessoa muito desconfiada na vida pessoal, tantas decepções. Tinha poucos amigos.

Geralmente as pessoas só conversavam comigo por meio das gorjetas, tanto na entrega de pizzas como no bar. Eu e Socorro éramos quase

amigos, cúmplices, companheiros das segundas, a verdade é que eu nunca fui capaz de confessar os meus sentimentos.

Nunca imaginei que um dia faria parte de um episódio policial. Mas detestei, embora tenha cumprido todas as etapas necessárias, desde a ligação para a delegacia do bairro até o acompanhamento do corpo e os trâmites necessários à passagem de Socorro para outra dimensão, onde nem a minha moto, com toda a sua performance e velocidade, poderia chegar.

Talvez a minha música pudesse tocar sua alma no além, não sei. Vinte e quatro horas depois fui para casa, meio estranho, transformado por uma espécie de vivência secreta, tomei um banho morno e segui para o bar. Foi assim que tudo aconteceu.

A vida é curiosa, não é? Agora vou cantar para vocês a música que fiz para Socorro, espero que vocês tenham gostado da história, e também gostem da música. O meu contato? Anotem aí, @entregadordepizzasecantor, estou em várias redes sociais, é isso. Peçam uma pizza ou uma música. Boa noite pra vocês.





# CAPITULO 4





# ESTAREI LÁ ESPERANDO POR MIM

**Será que você é mais um** daqueles que não consegue entender o que as mulheres desejam? Estou aqui um tempão ansiosa, esperando a sua chegada. No nosso último encontro, você parecia meio confuso.

Você nem poderia imaginar que eu, nessa tarde chuvosa, gostaria de receber um beijo grande no meio da minha boca. Um daqueles beijos que podem expulsar a monotonia e desafiar o mau humor das quartas-feiras.

Ah, seria ótimo se chegasse via sedex, colado com papel de seda, em fita durex e com seu cheiro grudado. Gostaria de desfilhar em praça pública com meu imã de boca escancarada e com todos aqueles bilhetes de declaração de amor que você já fez, ali, anexados.

Para que ser discreta? A vida é curta, louca, e logo ficamos menos excitados, envolvidos, apaixonados, nesta eterna roda viva dos amores, neste universo inegavelmente infinito e provisório.

Espero que você não estranhe, uso saias longas

com meias-calças grossas porque não mostro minhas pernas a qualquer um, sei lá, é mania mesmo. Só Deus sabe o quanto sempre torci para que um dia rasgassem minhas meias e para que me descabelassem descaradamente em praça pública, com o objetivo de despertar em mim alguma nova atividade cerebral menos intelectual.

Estou doida para contar que fiz o tal procedimento médico. Agora que enxergo melhor, depois que fiz a bem-sucedida operação de miopia a laser, não me permito mais a cegueira cotidiana nem os amores espremidos nas datas comemorativas do calendário ocidental.

Tudo muda né? De repente senti que precisava cortar os cabelos, será que você vai perceber? Cortei os cabelos ontem. Será que vai achar bom?

Infelizmente, terei que confessar, não resisti. Flertei deliberadamente com o cabeleireiro, um jovem precocemente calvo, mas muito orgulhoso, dizia que a calvície é típica dos nobres, que nunca encontrou um mendigo careca. Em sua opinião, calvície é coisa de gente chique.

Nem sei se ele era tão bom profissional assim, mas no tempo em que passamos juntos acrescentei ideias e novas piadas ao meu vocabulário às vezes tão sisudo que sempre se contradiz com as palavras sacanas recitadas nas madrugadas idem.

Quando estivermos juntos novamente, faça-me um favor. Puxa um pouco meu braço e me encosta na parede. Isso, desafia. Nem sempre nós mulheres

queremos estar no comando.

Marque comigo em algum lugar desconhecido e deixe-me conquistar você novamente, trabalhe minha insegurança e meu ciúme com sabedoria, eu sei que você pode, basta assumir.

Mas vou deixar isso para lá. Senão vou parecer mandona de novo. Além disso, eu prometi não filosofar. Se você vier, vou mudar de assunto. Quer saber de uma coisa? Gosto de flertar. Numa esquina qualquer, numa mesa de bar, exercito meu globo ocular dilatando minhas pupilas e farejo corpos vivos.

Sempre tive um gosto meio excêntrico, e também popular. Eclética, posso ser dietética e hipotética ao mesmo tempo. Gosto da ousadia dos beijos roubados, de subir nas mesas, das bibliotecas, dos escritórios, e principalmente, das camas sem cabeceira com colchões caríssimos e lençóis de seda.

Sempre tive a impressão de ter sido gerada num quarto de hotel, não sei, algo familiar naquela impessoalidade toda.... Parece que hoje estou para fazer confissões em voz alta, como se estivesse conversando comigo mesma em uma sala repleta de espelhos.

Outro dia visitei um amigo, lá estava um visitante, que tentou me seduzir com uma dose de uísque de qualidade. Não posso negar, o cara não percebeu, eu é que estava paquerando, o roteiro daquela noite já havia sido entregue desde o primeiro toque do telefone, com o convite do meu amigo e da minha colocação estratégica de preservativos em

minha inocente bolsinha de mão.

Eu e o visitante terminamos a noite fazendo sexo da melhor estirpe. Puro. Sem dúvida. Sintonias visíveis ao primeiro olhar. Pois é, eu aqui falando, falando, e nada da sua chegada. Nem sei por que nós mulheres sempre esperamos.

Fico aqui sem saber se vale a pena: se eu quisesse apenas sexo, seria fácil. Não posso dizer o mesmo do amor, há mais mistérios entre um corpo e outro do que jamais pode supor minha anatomia. E também estratégicas alianças ocultas, telefones gravados no subconsciente, casos mal resolvidos e tanto a descobrir.

Nunca gostei de homens mentirosos. Também nunca conheci homens verdadeiros. Mentir para quê? Detesto frases feitas e alguns homens são tão comuns, por exemplo? Aqueles que sempre começam pelas zonas erógenas comuns. O corpo da mulher é um mundo novo a ser explorado. Totalmente diverso. Tudo é uma questão de criatividade.

Ultimamente tenho lido sobre o pompoarismo. Na teoria, eu vou dominar o mundo, na prática, não consigo dizer não ao que me incomoda. Contradições femininas, explicáveis à luz dos hormônios. Mundo mais óbvio, não? Podemos controlar tudo e às vezes não sabemos dizer não. Não. Três letras insanas. Caóticas. Conseguem transformar a ordem sem fazer desordem. Quebram espelhos sem esforço.

Eu por exemplo, digo sim muitas vezes ao dia e acabo me envolvendo em confusão, mesmo sem proferir palavra alguma. Porque infelizmente tenho um rosto de quem diz sim, um cirurgião amigo da família uma vez me disse que talvez fosse aconselhável fazer uma harmonização facial, para evitar problemas futuros.

Meu rosto, com o passar do tempo, formou rugas de quem concorda com tudo, como uma máscara que gruda à própria pele. Aqui estou, com essa cara de quem diz sim, mesmo estando frustrada, apagando essas declarações inúteis da minha secretária eletrônica. Não há nada que mereça ser guardado.

Sério. Você não ligou. Já sei! Acho que estou meio histérica. Vou viver esse momento. Gravar algo que gostaria de ouvir. Fazer outra voz, isso, eu sempre fui ótima para imitar outras pessoas. Pareço mais com os outros do que comigo mesma.

Melhor. Acabei de decidir. Hoje a noite gravarei uma mensagem no meu celular, ouvirei a mensagem e direi algo útil, ou pelo menos familiar, nesse mundo repleto de seres humanos extraordinariamente irreconhecíveis, insensíveis e estranhos. Hoje vou dormir ao meu lado e vou ter uma noite feliz.



# EM CADEIA

**Era** noite quando Marilda abriu o portão. Usava máscara de proteção. Do nada, assim que recebeu a encomenda pediu um beijo ao entregador de pizza. Ele tirou o capacete e disse:

Senhora, estamos em plena pandemia de Covid-19!

Ela insistiu:

Meu comprovante de vacinação tá aqui moço, posso ir lá pegar, não tenho Covid, mas posso morrer por falta de amor, na verdade o beijo não precisa ser romântico, é um convite para uma noite de sexo ou um sexo rápido que seja de boa qualidade. Faz tempo que não sinto isso a dois, o sexo solitário tem suas vantagens, mas estou faz 577 dias aqui dentro. O amor é por minha conta, eu invento.

Ele perguntou:

Se eu aceitar, a senhora teria condições de me ajudar financeiramente com algum valor? As coisas estão muito difíceis, sabe como é, peço até desculpas, a senhora é bonita, não estou com falta de respeito não, mas é que estou precisando mesmo. Já que o convite é pra algo tão arriscado eu também não posso sair no prejuízo.

Ela não titubeou:

Sem problema nenhum, faço um PIX pra sua conta ao fim do nosso encontro, como nós dois temos interesses, tenho certeza que seja vantajoso para ambos. Estacione a moto aí na entrada. Pode entrar e sentar na sala enquanto eu me preparo.

Ele ficou meio desconfiado, nunca tinha passado por uma situação assim, alguns amigos contavam histórias de transas com clientes, na verdade sempre quis experimentar, mas nunca disse sim a um convite. Agora estava escancarada a oportunidade, não era momento de amarelar. Sua namorada não se incomodaria, os dois já tinham discutido essa questão de fidelidade, pra ela ficava tudo bem desde que ele usasse camisinha e não tivesse amor.

Posso colocar uma música na sua TV?

Ele pensou:

Já que estou aqui vou tentar relaxar e me divertir.

Ela respondeu lá de dentro:

Pode sim, só não coloca música sertaneja por favor, eu detesto. Você trouxe camisinha?

Trouxe máscara e camisinha. Qual é o seu nome mesmo?

Marilda.

O meu é Pedro.

Ele adorava música sertaneja.

Marilda saiu do quarto com uma camisola vermelha bem sensual, Pedro detestava vermelho. Ela ofereceu uma cerveja, ele aceitou. Beberam

juntos, sentados na mesa da sala. Abriram mais uma. Tomaram. Ela tomou a iniciativa:

Posso chegar mais perto e sentir o seu cheiro? Faz tempo que não sinto cheiro de homem.

Levantou e começou a cheirar os cabelos dele, o pescoço, as mãos. Pedro não demorou a corresponder, beijando seus lábios. Existe sexo bom sem beijo e beijo bom com sexo ruim. O beijo é sempre um termômetro. Não existe nada mais íntimo do que o beijo, é a primeira penetração. O sexo daquela noite foi intenso para os dois. Acabaram dormindo juntos. No dia seguinte ele acordou mais cedo, ela ainda dormia, fez o café da manhã, colocou a mesa para os dois. Sentou e tomou um café pensativo.

Logo ela acordou também, tomou banho, cantou no chuveiro, sentou na mesa para saborear as delícias que ele havia preparado.

Você cozinha bem, tá tudo muito gostoso. Sabe, tenho outra proposta pra te fazer. Quanto você ganha por mês como motoboy?

Ele respondeu:

Mil reais.

Marilda fez uma pausa, pensou um pouco.

Ofereço cinco mil pra você passar um mês aqui comigo, pra ser o amor da minha vida por trinta dias. Só não aceito traição.

Ele perguntou:

Eu preciso te amar?

Ela respondeu, decidida.

Não, você só precisa fazer com que eu me sinta amada, fazer com que eu não tenha dúvida do seu afeto e dedicação.

Pedro lembrou da namorada e do pacto firmado.

Posso usar o meu telefone um instante?

Saiu da mesa, mandou uma mensagem para a Dalva, explicou tudo. Ela disse que ele podia fazer de conta, na situação péssima em que estavam, daria pra pagar muitas dívidas, pediu que mandasse notícias de vez em quando, quem sabe talvez isso até reavivasse relação deles. Pedro ficou um pouco decepcionado, não era essa a reação que esperava dela. Mas enfim.

Dona Marilda, estou de acordo, mas vou lá em casa pra pegar umas roupas.

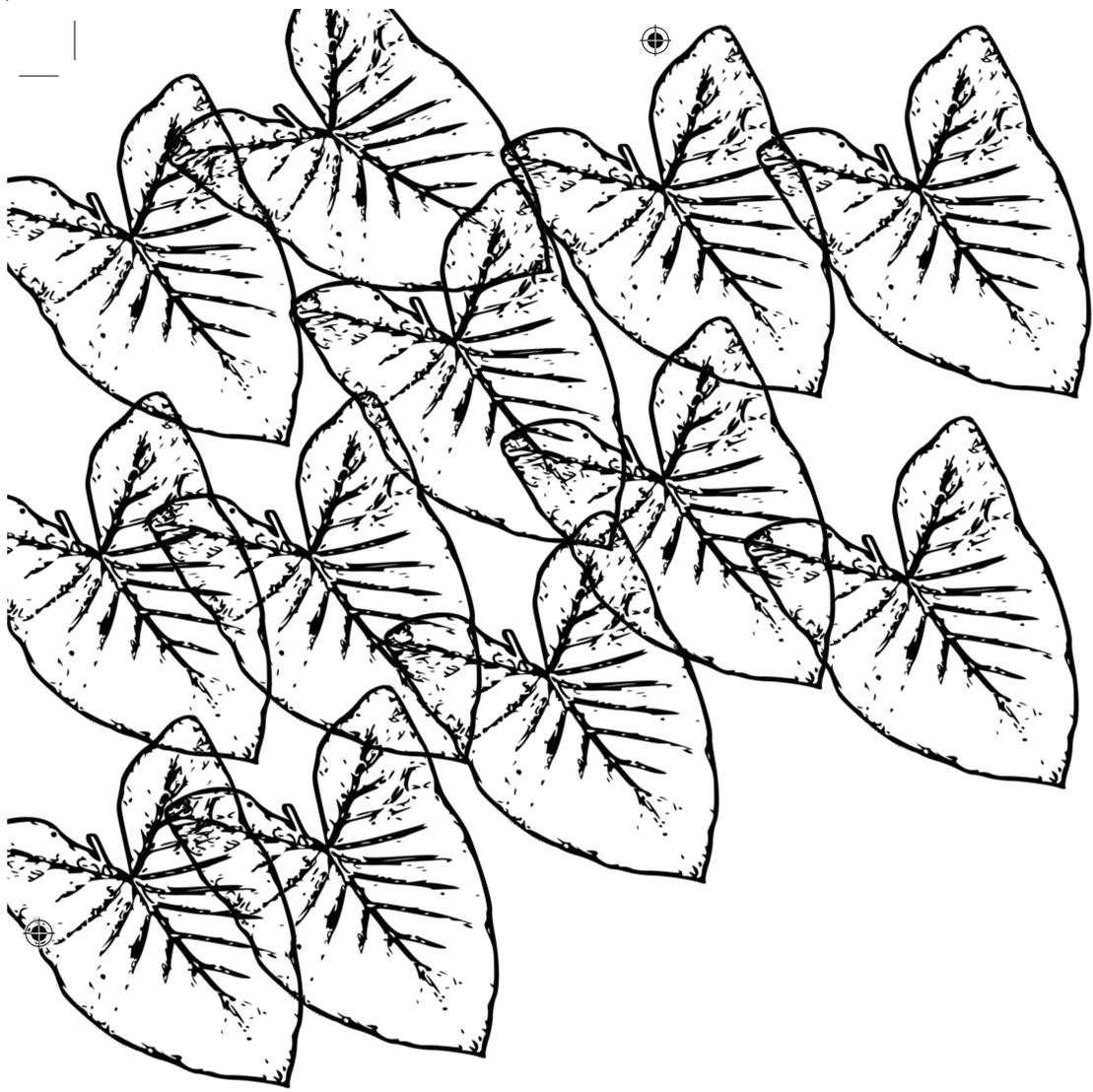
Ela respondeu tranquila:

- Claro, estarei à sua espera. Anota aí o meu celular.

Pedro saiu. Moto ligada, pegou a estrada, entrou na primeira BR ali perto e enfiou o veículo em um poste.

Morte instantânea. Marilda ficou em isolamento por mais 155 dias, que somados aos primeiros 577, totalizaram 732 dias. Esperou ansiosamente a morte por Covid-19, mas infelizmente ela não chegou. Dessa vez quem bateu na porta foi a namorada do Pedro. Quando abriu, Dalva estava com uma camisa do Brasil e uma arma na mão. Atirou. Marilda não resistiu. Tempos líquidos, outra morte instantânea. Na pandemia do Covid-19 aumentaram muito os casos de violência doméstica.





# É MELHOR CAIR EM SI

**Conversas em um aplicativo** on-line de mensagens instantâneas para smartphones. Além de mensagens de texto, os usuários podem enviar imagens, vídeos e documentos em PDF, além de fazer ligações grátis por meio de uma conexão com a internet.

23 de fevereiro

Meu bem. Eu deveria ter dito o que está escrito aqui no nosso último encontro, mas não tive coragem, eu falo demais e costumo não dizer coisa alguma quando estou nervosa. Quando você me chamou para almoçar, nossa, eu fiquei tão feliz! Ainda bem que você convidou na véspera, deu tempo de fazer as unhas na minha manicure preferida, a depilação íntima do jeito que você gostava, fiz a sobrancelha, o buço, até o rosto depilei na linha. A depilação na linha é um método muito dolorido, sabe, a gente precisa gostar muito da pessoa pra quem vai fazer para aceitar passar por todo aquele sofrimento. A roupa foi um capítulo à parte, coloquei o meu guarda-roupa abaixo e quase

não encontrei roupa. A questão é o tempo, desde o nosso último encontro houve um período muito grande. Você sabe que quando eu fico triste eu como demais. Resultado: as roupas não entraram, aí vesti aquela parte do meu armário que tem as roupas maiores, para quando a ansiedade me leva a aumentar de tamanho.

18 de outubro

Essa mensagem traz revelações indizíveis pessoalmente. Você era mais gostoso antigamente, só de pensar em você eu tinha orgasmos múltiplos. Sexo sem amor é complicado quando uma das partes, no caso eu, insiste que um dia a relação vai virar um combo amoroso. Nunca imaginei que um dia me pedisse para pagar a conta do motel porque estava sem grana. Esse dia chegou. E se eu também não tivesse? Foi muita confiança né? O pior é que até hoje não vi a cor do dinheiro, esse negócio de pagar por aproximação foi rápido na hora, mas foi péssimo pra gente. Ah, nesse dia você estava péssimo nas preliminares e muito afoito, fiquei olhando para o teto me sentindo uma lagartixa em processo de mutação para um disfarce.

05 de janeiro

Linda. Eu sempre leio as suas mensagens, aí demorei, demorei, até tomar coragem para escrever pra você. Eu sou o Anderson, você não me conhece, eu estive em um dos seus concertos,

quando vi você tocando senti um arrepio na nuca, não era físico sabe, era espiritual, eu sou praticante de uma religião de matriz africana, o candomblé. Senti a presença, ali, ao meu lado, do seu Tranca Rua, Exu guardião que me acompanha nessa vida, ele disse:

É ela, a mulher que você estava esperando a vida toda.

Eu fiquei pasmo, isso nunca havia me acontecido. Sabia que era algo muito especial.

Eu confesso que nunca curti música clássica, fui com um amigo, eu não estava com nada pra fazer naquele dia, mas você estava tão linda eu só olhava, olhava e cada vez suspirava mais, amo mulheres negras, aliás, nunca vi uma negra tão linda como você. Suas mãos, encantadoras! A pele das mulheres negras é um caso à parte. Se você topa e responder essa mensagem, acho que teremos muito para conversar, eu estou muito ansioso pela sua resposta.

08 de fevereiro

Linda, já tem um mês que a gente se fala pelo zap, eu estou cada dia mais apaixonado, não consigo parar de pensar em você, vamos marcar um encontro? Quero ver você, sentir o seu cheiro, o seu gosto. O que você acha de nudes? Será que nossa relação já pode evoluir um pouco mais? Eu gostaria de ter um pouco mais de intimidade contigo, fico imaginando, confesso que é difícil

só imaginar, você é tão linda! Sua voz tão macia e quente, inesquecível.

09 de março

Eu estou escrevendo porque acho que um homem deve mandar uma mensagem depois do primeiro encontro, a mulher fica achando que a gente só quer sexo, comigo é diferente sabe? Eu adorei a nossa noite, caramba, você é muito gostosa, que corpo, que bunda! E as suas pernas? Você não é mulher para uma noite só, quero dizer que você é a minha deusa agora, só minha tá bom? Vamos marcar outro encontro?

05 de abril

Eu acho muito chato essa parte masculina, primeiro tentam de tudo pra conseguir um primeiro encontro, o segundo, lá para o quarto ou quinto começam a esfriar, escrever menos, responder menos, deixam a gente no vácuo. Aí começam a ter compromissos de emergência e desmarcar os encontros. Quando a minha amiga me avisou pela primeira vez eu achei que ela estivesse com inveja, ela disse, aproveita, homem é assim, no início faz de tudo pra conquistar. Eu não acreditei, esse machismo opera com força na cabeça da gente.

Uma coisa que eu não esperava de você: descobri que você votou no Bolsonaro. Nossa, meu mundo caiu. Era como se tudo que vivemos tivesse caído

na minha cabeça, você não parecia uma pessoa desse tipo, votar no Bozo, como assim?

28 de abril

Meu bem, ontem pensei em você. Estou mandando uma foto do meu pênis para você não me esquecer.

05 de maio

Amiga, eu recebi uma foto de um pênis, daquele cara com quem estou saindo, amiga do céu, eu estou chocada, fiquei olhando um tempão antes de apagar, uma foto de pinto assim no celular, eu me senti muito estranha, o pinto era um pinto né, tava duro, era grande, mas olhando assim no seco a gente vê os defeitos, era meio torto, sabe de uma coisa, eu tomei um pouco de nojo da cara dele. Tomei nojo do pinto e tomei nojo do cara, acho que não vai rolar mais nada.

15 de maio

Querida terapeuta Dora,  
Estou escrevendo porque fiquei péssima na última sessão. Descobri que não me amo o suficiente e aceito fazer coisas com os caras que saio, coisas que não quero fazer, faço só para agradar e por medo de ser abandonada. Fico me achando imperfeita, tenho medo de dizer não e perder a chance de ser amada. Mas depois de todos esses anos que estamos juntas na terapia eu percebi que esses caras, um após o outro, não tiveram amor por mim

e isso não se deve a algum defeito que tenho, ou a algo errado que eu tenha feito. Escolhi os caras errados, os homens que desde o início, deram todas as indicações que tinham pouco ou nada a oferecer e mesmo assim fiquei com eles, por medo de ficar sozinha. Eu dizia que era porque adorava sexo, que era ótimo sair com cinco, seis caras ao mesmo tempo sem compromisso. Mas juntando todos eles não davam o pacotinho que amor que eu desejo tanto receber.

Estava lembrando de um cara em especial com quem transei sem camisinha, isso me custou fazer o teste do HIV, vários exames e muito tempo sem dormir, a ansiedade e a culpa. Ele valia tudo isso? Não. Eu aceitei transar sem camisinha porque ele disse: faz muito tempo que não transo com ninguém, eu não tenho doença nenhuma a partir de agora só vamos transar nós dois. Que loucura eu ter acreditado nisso, onde eu estava que não me enxerguei caindo nessa roubada?

Também lembrei daquele dia em que eu estava em casa sozinha, deprimida, arranjei forças para levantar, eu disse, estou melhorando, vou fazer algo por mim! Alguns minutos depois lá estava eu na rua passeando com o cachorro, só saí porque tinha que cuidar do bicho, mais uma vez não me priorizei. Você já teve muitos pacientes com essa síndrome de cuidadora?

15 de março

Meu bem. Infelizmente vou ter que desmarcar o nosso encontro, putz, meu irmão passou mal, terei que levar ele ao hospital, acho que vou passar a noite lá, talvez ele tenha que fazer uma cirurgia, peço desculpas mesmo, mas você sabe, saúde em primeiro lugar. Pode me emprestar 100, faz um PIX pra mim? Juro que depois te pago.

15 de março

Amor. Não tem problema, vai lá socorrer o seu irmão, saiba que estou ao seu lado para o que precisar. Quando chegar no hospital dá notícias tá bom? Segue o comprovante do PIX.

25 de março

Amor, hoje é o meu aniversário, você não vai nem mandar um oi? Eu sei que você é péssimo com datas, mas hoje é meu dia, eu fico péssima no aniversário, quando puder me liga, por favor.

26 de março

Você é um mentiroso né? Não vai responder mesmo? Você é casado? Qual o seu problema? Custa ser sincero?

02 de abril

Meu bem. Muita coisa aconteceu, minha mãe morreu. Estou arrasado. Eu nem sei quem sou eu, não consigo dormir, nem comer, estou péssimo, fui

para o terreiro, recolhi, só o axé nessa hora.

09 de abril

Amor, custava você mandar uma notícia? Eu poderia estar com você nessa hora, fico péssima sabendo disso, poxa, você não me pediu ajuda pra nada! Eu sempre disse que estaria aqui pra te ajudar.

25 de abril

Meu bem, estou morrendo de saudades de você gostosa. Manda uma foto de calcinha pra mim.

25 de abril

Meu bem, cadê a minha foto?

25 de abril

Ué, não vai responder?

23 de janeiro

Meu bem, você tem compromisso pra sábado? Gostaria de sair comigo pra almoçar? Eu te pago na sua casa 12h, tô com muita saudade.

23 de janeiro

Anderson. Você é muito cara de pau, me convidou pra almoçar, eu me arrumei, fiz todo um investimento, depois do almoço você me chama para o seu carro, abre as calças e aperta a minha

cabeça na direção do seu colo, qual é? Queria a sobremesa? Ali no meio da rua? Com todo mundo olhando? Você é cafona, seu pinto é bem feio, sabe de uma coisa, eu não estou mais a fim, você não tem as qualidades que eu estou procurando em um cara. Até mais, fica bem.

05 de novembro

Querida Terapeuta Dora,

A terapia tem sido fundamental no meu processo de autodescoberta, durante muito tempo achei que não estava servindo pra nada, tive raiva de você, desisti das sessões e voltei tantas vezes... Até me culpei porque não conseguia mudar quando comecei a perceber que não estava feliz, nossa, tem sido um longo caminho.

Naquele dia, quando o Anderson me levou para o carro depois do almoço eu fiquei pensando, já sei o que ele vai querer, eu me orgulhava de saber dar prazer aos homens como ninguém, deixava qualquer homem louco, mas naquele dia pensei: na maioria das vezes eu nem gozo, fico ali vidrada olhando o êxtase deles, faço por eles o que não faço por mim. Na hora que ele me pediu para abaixar a cabeça foi como se eu já tivesse assistido aquele filme. A questão não era dizer: os homens são egoístas, mentirosos e tantos outros adjetivos, a questão era descobrir o que a Carla queria e achava que merecia.

Mudei o roteiro. Disse que não queria, estava

muito calor, estava com pressa, menti dizendo ter lembrado de um compromisso urgente, pedi pra ele me deixar na frente de um shopping ali perto, agradeci e fui embora. Ele ficou bravo, ameaçou até engrossar, apelou dizendo, ué, você não gosta mais de mim...Ele não era mais o protagonista daquela ação. No dia seguinte, entrei na internet, procurei o melhor hotel da cidade e fiz uma reserva para o fim de semana. Marquei um encontro comigo.

Percebi que eu nunca havia feito uma reserva pra mim, pra passar um tempo comigo. Arrumei as minhas coisas em casa e fui para o hotel. Programei a noite, o dia seguinte, tomei sol, usei biquíni sem me preocupar se estava magra ou gorda, curti o sol, a água, a cerveja gelada, o vento suave daquele dia. Voltei para o hotel, me preparei para jantar, fui a um restaurante especial, nossa, foi maravilhoso. Eu me senti um pouco estranha porque sim, ali tive a certeza de que estava me despedindo de alguém que eu não queria mais ver, não era o Anderson, esse era mais um entre tantos. Eu estava me despedindo daquele meu jeito de ser, daquela minha identidade que já não me cabia, daquela animadora de festas, daquele estereótipo de mulher preta, daquela mulher negra boa de cama. Eu estava interessada em conhecer e me apaixonar pela Carla. Ainda não sabia como e talvez levasse uma vida para aprender, mas hoje sei que não sou culpada de nada, não devo nada a ninguém. A vida não me

deve nada. Os homens não me devem nada e também não vão me salvar. Mereço encontrar a minha melhor companhia.

Olha, foi lindo, incrível. Eu dormi como se estivesse me abraçando, chorando baixinho como eu chorava quando era criança, enrolada no lençol, eu repeti pra mim mesma muitas e muitas vezes. Carla, eu te amo, Carla, eu te amo, Carla eu te amo. Sempre estarei aqui pra você.



# DO PEITO



**Maria queria** passar mais tempo com a mãe, odiava o trabalho da sua materna. Hoje por exemplo, queria mamar. Ouviu a irmã dizer que era quarta-feira, de segunda a sábado a mãe ficava na casa do patrão.

Só restavam os domingos, isso quando a mãe não apagava de tão cansada. A irmã mais velha fazia a comida, ela lavava os pratos, o irmão do meio limpava a casa. Daquela vez, Maria ficou arquitetando o seu plano a semana inteira, pensava daqui, dali, a cabeça girava porque a mãe era muito esperta, desconfiada e não era sempre que conseguia um mimo.

A menina caçula tinha 3 anos e pouco, já estava desmamada fazia tempo, mas tinha fixação pela mamadeira de carne, nas raras ocasiões que sentia de perto o cheiro da sua mãezinha, pulava no colo e sugava os seios, mesmo que não saísse mais leite, era tão bom!

Chegou o dia das mães, era domingo vocês não sabiam? Pois ali era, os três ficavam de butuca, querendo uma oportunidade com a dona da casa, que saudade, que delícia, que chatice também porque em um dia ela tinha que dar conta de tudo, dar bronca, cobrar dever da escola, dar lição de moral, não era justo ter que fazer tudo no domingo,

na casa dos outros, ah, sim tinha inveja da família do chefe, ele tinha a mãe todos os dias lá, poxa.

Domingo chegou e ela arrastou a mãe pro banheiro, mãe toma banho comigo! Nem deu tempo de negativa, já tava debaixo do chuveiro com aquele sorriso de criança que mandinga, encanta qualquer um

A mãe cedeu, as duas foram para debaixo da água, que delícia, esticou os bracinhos e pediu colo, subiu, que alegria, sentir o corpo da sua rainha, foi logo mexendo no peito esquerdo, menina você não esquece de mamar? Tu já tá desmamada menina, peito não é pra brincar! Botou a menina no chão, quando a pequena ensaiou um choro, a mãe fez que não dava conta e botou a miúda no colo de novo, a pequena abraçou a maior com força, pronto, estava conseguindo ficar mais tempo com a sua querida, que sensação deliciosa, que alegria, que calor o peito da mãe. Fez a pergunta que ensaiou a semana inteira:

Mãezinha, peito tem osso?

Como assim menina, que pergunta?

Mãe, deixa eu mamar mais um pouco, quero saber se peito tem osso?

Criança, você tem cada ideia!

Fez beicinho.

Eu prometo que não mamo mais, deixa eu sentir mãezinha, se peito tem osso.

A mãe apertou a menina contra o peito.

Menina, peito não tem osso, isso não é peito, é

o osso, a caixa que protege o meu coração.

Maria agora tava realizada.

Deixa eu entrar aí mãe, eu posso entrar? Prometo que fico quietinha e passo a semana contigo no seu trabalho.

Silêncio. A mãe não respondeu, as duas ficaram ali debaixo da água, em choro, em riso. As duas em uma placenta, um cordão umbilical revisitado, na filha, na mãe que também viu a mãe preta trabalhar sem descanso pra mãe do patrão até morrer.

Menina, tu tá sempre aqui comigo, todos vocês três, não tem como sair nunca mais. Filho não sai, filho entra. E vamos fechar esse chuveiro que não estamos em tempo de gastar água assim. Ô Patrícia, Patrícia, filha, vem pegar a tua irmã rápido, traz a toalha pra não resfriar.

Patrícia entra, Maria e Patrícia saem. A Das Dores fica. Olha no espelho seu corpo nu. O vidro reflexivo é velho, manchado, mostra uma imagem meio distorcida. Bobagem, nunca teve esse tempo de ficar se olhando, pra que espelho.

Único momento do dia em que lembrou que é Das Dores, não é a funcionária dos Brito, não é a mãe das três crianças. Um suspiro de solidão, um instante de mulher apenas na vida imensa de uma mãe preta a carregar no peito o peso do mundo.

**Cristiane Sobral** é carioca e vive em Brasília. Mãe, escritora, atriz e professora de teatro. Bacharel e Licenciada em Interpretação e Mestre em Artes (UnB). Tem 10 livros publicados, o mais recente “Amar antes que amanheça”, contos, ed. Malê, RJ. Publicou em antologias nacionais e internacionais. Em 2019 palestrou sobre literatura negra em 09 universidades nos EUA, inclusive Harvard. Também foi jurada do Prêmio Jabuti, contos. Em 2019 estreou Esperando Zumbi, espetáculo teatral que fez temporada no Brasil e Moçambique em 2019. Em 2022 participou como dramaturga do Ciclo de Dramaturgia, CPT-SESC-SP e escreveu as dramaturgias do espetáculo Viúvas em cartaz em SP e “Kitembo, entre nascedouros e poentes, para a Cia de Teatro do Conservatório de Música de Tatuí - SP. Instagram: **@cristianesobralartista**







# ME PARIÓ REVOLUÇÃO

## DEZ ANOS DE MULHERAGEM

Em setembro de 2023 vamos comemorar uma década de existência das Edições Me Parió Revolução, mas os festejos começaram no ano passado, com o lançamento de vários títulos novos, como Significância, de Celinha Reis e a reedição de obras esgotadas, como Onde estaes Felicidade, de Carolina Maria de Jesus.

Quando nascemos éramos, sem falsa modéstia, apenas três mulheres inteligentes, fortes e habilidosas: Lindalva Feitosa, nossa guia artesã, Sandrinha Alberti, nossa artista visual e Dinha, nossa poeta.

Na bagagem tínhamos tardes com as Edições Toró, discutindo e criando o primeiro livro da nossa primeira autora, o De passagem mas não a passeio, de Dinha. Tínhamos também madrugadas colando tecidos de chita na lombada do livro - que era semi artesanal - e precisava do nosso toque especial antes de cada lançamento.

Entre as três mulheres, em sua bagagem, havia também uma amizade longa e forte.

Esses ingredientes foram o bastante para que compreendêssemos que seria possível, com nossos talentos artísticos, esforço e coragem, criarmos uma editora independente e feminina, no seio da Posse Poder e Revolução - grupo de ação política e cultural do qual fazíamos parte.

Assim, em setembro de 2013 lançamos 'Onde escondemos o ouro', de Dinha, e com ele inauguramos este

espaço de acolhimento mútuo, esta força transformadora e este nosso jeito típico de garantir o acesso aos livros e à leitura em nosso país.

Hoje somos 10 mulheres. Cada qual com sua trajetória, dores e alegrias. Todas somos periféricas, a maioria de nós é negra, ou não branca. Todas talentosas, potentes e valentes.

Juntas, publicamos grandes nomes da literatura brasileira, sobretudo mulheres negras. Juntas propiciamos que autoras iniciantes publicassem seus escritos.

E juntas comemoramos, em 2021, a aprovação do nosso projeto Entremeada Literária: 10 Anos de Mulheragem, pela 6ª Edição do Fomento à Cultura da Periferia.

São 10 anos de mulheragem, cuidado mútuo, tropeços e aprendizagem.

Estamos vivas e felizes.

É um prazer comemorar com vocês.

## **Edições Me Parió Revolução**

Rua Memorial de Aires, 539 - B5 - A61 Jardim São Savério  
São Paulo - SP

### **Contatos:**

mepario.editorial@gmail.com

marianilda@alumni.usp.br

### **Acesse:**

<https://www.facebook.com/mepario/>

<https://nucleopodererevolucao.wordpress.com/edicoes-me-pario-revolucao/>

<https://www.mepario.com.br/>

@me.pario



Realização:





